

falabamos da distribución do poder na vida cotiá dicíannos que debiamos pensar que iso podía levarlos a perder o desexo sexual (...). Non estaban dispostos a entender os nosos debates” (Jimena).

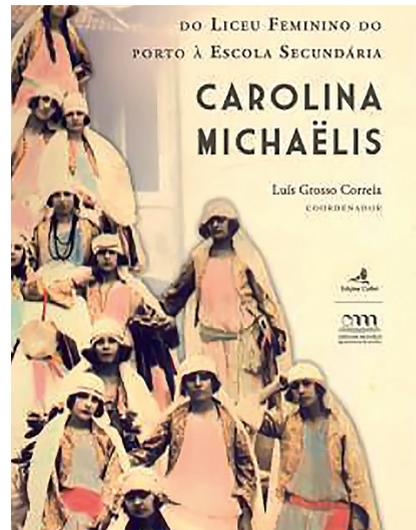
“No movemento feminista deste país o peso da sexualidade, o reclamo de que as mulleres somos tamén seres sexuais, tivo unha incidencia moi forte desde os comezos (...). Quizás co tema da transexualidade aínda nos queden anos para que se acepte e non se considere unha patoloxía (...). Hai un retroceso no que se refire á educación sexual (...). Convén ir onde están os mozos, non esperar a que eles veñan, porque o certo é que unha boa parte non manifesta moito interese por informarse” (Empar).

“O meu pai tiña unha concepción de min que non era boa, pensaba que era dura, pouco accesible, con moito xenio. Eu era para el demasiado rebelde” (Aurora).

Acabamos de celebrar outro 8 de marzo, e xa van moitos, como diría Amelia Valcárcel: “tres séculos de teoría e práctica avalan o feminismo: esa tradición política da modernidade, igualitaria, democrática, que mantén que ningún individuo da especie humana debe ser excluído de calquera ben e de ningún dereito a causa do seu sexo”. Como é posible que aínda se escoiten voces que preguntan: Pero que máis queren? Que queren as mulleres? Como é posible que ante a pregunta, Vostede considérase feminista?, persoas con cargos públicos contesten ano tras ano: Depende, depende do que se entenda por feminismo, ou Non me gustan as etiquetas. Eu prefiro falar de persoas e non de xéneros. Este libro fala dun tipo de opresión, aquela que coloca as mulleres en posición de desigualdade para

desfrutar dos dereitos a unha cidadanía plena. Fala, pois, tamén de feminismos.

Ana IGLESIAS GALDO
UDC



GROSSO CORREIA, Luís (Coordenador),
***Do Liceu Feminino do Porto à Escola Secundária Carolina Michaelis*, Lisboa,**
Edições Colibri/Agrupamento de Escolas Carolina Michaelis (Porto: Câmara Municipal do Porto), 2016, 452 pp. ISBN 978-989-689-575

Sob o signo das comemorações do centenario do portuense Liceu Carolina Michaelis, foi editado o magnífico libro *Do Liceu Feminino do Porto à Escola Secundária Carolina Michaelis*, coordinado por Luís Grosso Correia. É unha obra que se incorpora, con dignidade e originalidade, numa já significativa historiografía sobre os liceus portugueses. Com creatividade metodológica a monografía respondeu ao repto das comemorações e con novidade

relança debates interessantes (e ousados) no campo da história das instituições educativas.

Ao longo de 452 páginas desenvolvem-se quatro robustos capítulos: História, por Luís Grosso Correia (pp. 21-93); *Espaços*, por Cristina Soares da Silva (pp. 97-135); *Memória (s)*, por Ângela Marques, (pp. 139-296); Álbum Fotográfico, por Marília Lobo e José Valente, (pp. 299-355); *Cultura Material*, por Jorge Mateus *et alii*, (pp. 359-439), antecedidos por um *Prefácio* de José Manuel Novais e uma *Apresentação* assinada pelo Coordenador (pp. 9-18), culminando com a seriação das Fontes e a indicação da *Bibliografia* e um *Posfácio* de Guilhermina Rego encerra a monografia. Obra com cuidado trabalho editorial e graficamente apelativa.

São ensaiadas diferentes narrativas do Liceu - o Carolina, como simbolicamente é nomeado - promovendo-se, com diversas linguagens, abordagens onde se combinam aproximações finas, quase a tanger a intra-história (como defendeu Miguel Unamuno), com análises de tendência estrutural, controlando-se ou evitando-se as derivas do anacronismo e do etnocentrismo. A observação da realidade institucional articula os movimentos de cima para baixo e de baixo para cima, o que possibilita (re) construir a multidimensionalidade das dinâmicas empíricas, na sua quotidianidade e na sua excecionalidade.

Aliada à centralidade da investigação emerge a preocupação de se ir construindo um *Arquivo* do Liceu em que para além das fontes escritas, materiais e iconográficas se incorporam fontes orais. É uma opção interessante porque concilia material pedagógico, manuais escolares, plantas do

edifício, cenas escolares e memórias orais (e também escritas), documentação administrativa e burocrática, promovendo a inclusão metodológica entre a história da instituição com as práticas educativas e escolares (e possivelmente também familiares, profissionais e políticas) na longa duração (centenário) o que proporciona abordar as ruturas e as continuidades - e aqui é interessante assinalar o recurso a um conjunto de palavras-chave que atravessam os textos: circulação, identidade, memória, fragmentos, cultura (declinada como material ou da escola). Certamente está presente que o trabalho de *reconstrução das fontes* tem neste livro um momento inaugural, inevitavelmente a ser continuado. Os textos produzidos são assim um inventário, ainda provisório, quer do processo de construção do *Arquivo* - ou de um *corpus* informacional semiótica e semanticamente extraordinariamente sedutor -, quer das leituras (ou sínteses) que podem já evidenciar algumas interpelações críticas - ou constituição de vetores de problemáticas - que prosseguirão em estudos futuros, como assinala o Coordenador com o convite “à produção de um estudo sócio histórico mais aprofundado sobre o *Carolina* liceu, o *Carolina* escola secundária ou sobre ambos.” (p. 89).

Globalmente algumas observações, que deduzimos dos capítulos, servem-nos para lançar também algumas interrogações, umas de natureza mais contextual, conexas portanto com o *Carolina*; outras de raiz mais ampla, derivadas da intrínseca construção da monografia.

No primeiro plano, uma primeira observação relaciona-se com o processo de afirmação de um Liceu feminino e das lutas simbólicas tecidas em torno, por exemplo, da patronímica ou do modo como foi neu-

tralizada a intrínseca afirmação de uma identidade, pelo trabalho do tempo político, que transforma o Liceu numa instituição heterónoma de uma matriz ideológica autoritária, que se dissolve com a emergência da democracia. Uma segunda observação, é a íntima relação do Liceu com o processo de urbanização e a captação muito específica dos ritmos da cidade, desde os tempos sociais até às mobilidades urbanas, que se traduzem numa geografia das alunas interessante, mas sociologicamente muito circunscrita às denominadas elites, que pode ser ilustrada pela persistente afirmação para se obterem instalações próprias, mas construídas de raiz. Uma terceira observação surge: a conjugação de uma modernidade pedagógica com modalidades de dominação ou de socialização contrastantes com a inovação formal e espacial. Do cruzamento destas três observações resulta a configuração de uma “instituição envolvente” com uma “energia escolar” (usando dois conceitos da socióloga Muriel Darmon) que vai burilando a aprendizagem (corporal e cognitiva) institucional das disposições das elites, elas já em processo de recomposição, como deixa antever a afirmação da Reitora, nos anos 1950: “a população que subiu o nível económico sem ter subido o nível cultural.” (*apud*, p. 75). Notam-se, assim, que as tensões no interior da escola resultam do paulatino enfraquecimento dos postulados e práticas do elitismo meritocrático, logo das modalidades de dominação, em consonância com clivagens biográficas nas trajetórias de mobilidade ascendentes de muitas alunas, que denotam processos de mudança social de maior amplitude, entre os quais a difícil conquista das profissões de prestígio, inclusive a de docente. Processo este que ganha visibilidade inusitada com o 25

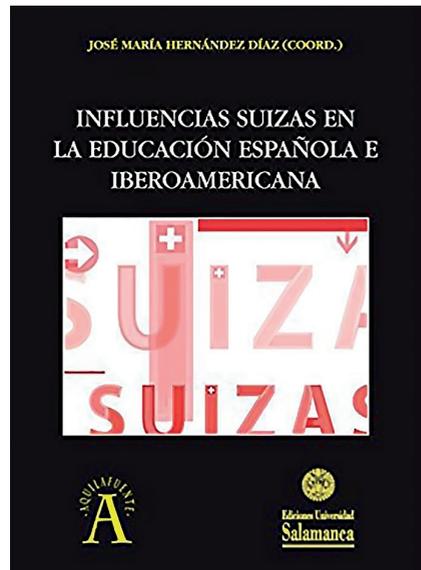
de abril de 1974 e posteriores redefinições quer orgânicas, quer curriculares, quer fundamentalmente de abertura social, ou seja a democratização da escola em toda a sua plenitude. Estas observações remetem para questão da mudança, o que inegavelmente é conseguido nesta monografia e percorrendo cada um dos capítulos, sente-se que a cadência do tempo deixa marcas que na longa duração ganham inteligibilidade, logo sentido. Um simples exercício pode ser ensaiado: explore-se o *punctum* (Roland Barthes) de uma das fotografias do Álbum Fotográfico, cruzando com a análise histórica, uma ou outra memória, a configuração do espaço e as observações sobre material didático e pedagógico, para se ir desvendando uma complexidade de mundos que são barrados por uma singela fotografia – ou uma memória.

No segundo plano, destacaremos então que uma equipa multidisciplinar - composta por Luís Grosso Oliveira, docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por Cristina Soares da Silva, Ângela Marques, Marília Lobo (ex-aluna do *Carolina*), José Valente e Jorge Mateus, todos professores no Agrupamento de Escolas Carolina Michaelis - procede a um assinalável investimento institucional (retomando um conceito caro a Pierre Bourdieu). O compromisso estabelecido revela como se podem compaginar a produção de conhecimento com modalidades de intervenção, ou se preferirmos: o exercício cívico da história. Mobilizando diferentes atores institucionais promove-se a identidade profissional através da produção de recursos em que está patente a íntima ligação entre ensino e investigação histórica sobre os saberes, o que origina um processo com virtualidades pedagógicas, e com um forte

sentido de projetar o futuro, ilustrado pelo capítulo *Cultura Material*, enquanto resposta da comunidade educativa, que desenha um projeto de patrimonialização que justamente permite repensar, renovar e, eventualmente, refundar, *in specie*, a própria comunidade educativa do *Carolina*. Esta é uma ilação, certamente eivada de emoção, de como se pode pensar a mudança na contemporaneidade.

Estas são linhas de leitura que o livro estimula e que ultrapassam um mero registo de atualidade (seja mediática, seja política) reinstalando a dignidade institucional e social da escola pública e do universo dos docentes.

José António AFONSO
 Instituto de Educação
 Universidade do Minho
 Outubro, 2016



HERNANDEZ DÍAZ, José María (Coord.):
Influencias Suizas en la Educación
Española e Iberoamericana, Salamanca,
Ediciones de la Universidad de
Salamanca, 2016, 516 pp. ISBN: 978-84-
9012-657-8

En el año 2005 se celebraron las primeras Conversaciones Pedagógicas en Salamanca (vistas desde hoy, cabría decir que se “se pusieron en marcha”), organizadas por los colegas de la Facultad de Ciencias de la Educación de esa universidad. Se plantearon desde su inicio como un espacio de encuentro periódico para la reflexión especializada sobre las ciencias de la educación, atendiendo particularmente a su perspectiva histórica y comparada, pero también política, sociológica etc. A partir de su tercera edición, en octubre del año 2008, organizadas ya como Coloquio internacional dirigido particularmente al colectivo europeo e Iberoamericano, se inició lo que acabaría convirtiéndose en una